

ANO 1
EDIÇÃO 02

Pequiá

Literatura Sesc

ANA MIRANDA

Palavras

transformadas em arte



carta ao leitor

Numa parceria entre o Serviço Social do Comércio e a Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri, a revista Pequiá chega à sua segunda edição abrindo espaço para a literatura produzida por mulheres.

Em um cenário que dá pouca visibilidade a esse nicho, consideramos importante trazer à cena a produção de algumas escritoras da região do Ceará e também do Brasil, sobretudo para garantir a multiplicidade de vozes e de formatos do fazer literário.

Nesse sentido, esta edição da revista traz perfil da escritora cearense Ana Miranda, entrevista com a poeta Luiza Romão, poemas de integrantes do Coletivo Xanas recitam Xanas, conto de Anna K. Lima, e resenha escrita pela jornalista Alana Maria Soares.

Com isso, pretendemos dar mais visibilidade à produção local na área de literatura e ampliar a variedade de discursos, construindo este espaço como lugar de promoção da diversidade e do fortalecimento da cultura

EXPEDIENTE

Edição 2 | Junho/Julho 2018

FECOMÉRCIO | SESC

CONSELHO REGIONAL DO SESC AR/CE

Presidente: Maurício Cavalcante Filizola

Diretora Regional: Rodrigo Leite Rebouças

Diretoria de Programação Social: Patrícia Carnevalli Rinaldi de Paiva

Diretoria de Administração e Finanças: Domingos Sávio da Costa

Assessoria de Comunicação e Marketing: Michelle Ribeiro de O. Espíndola

Gerência de Cultura: Chagas Sales Nogueira Lima

Gerência do Sesc Crato: Francisca Lúcia Bezerra

Supervisora de Cultura: George Belisário

Bibliotecária: Maria do Socorro Dantas Santana

Assistente de Biblioteca: Raflésia Custódia - Talita Rocha Lima

Técnicos de Cultura: Suzana Carneiro - Maria Bezerra - Daniel Rodrigues

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI - UFCA

Reitor: Ricardo Luiz Lange Ness

Vice-reitor: Juscelino Pereira Silva

Pró-Reitor de Cultura: José Robson Maia de Almeida

Coordenadoria de Política e Diversidade Cultural: Gustavo Ramos Ferreira

REDAÇÃO

Repórter: Alexia Mesquita

Ilustração: Ana Estela Braga

Colaboradores: Anna K. Lima, Alana Maria Soares,

Coletivo Xanas recitam Xanas (Bartira Dias, Jeani Duvall, Karlinha Sutil Alves e Tatiane Evangelista)

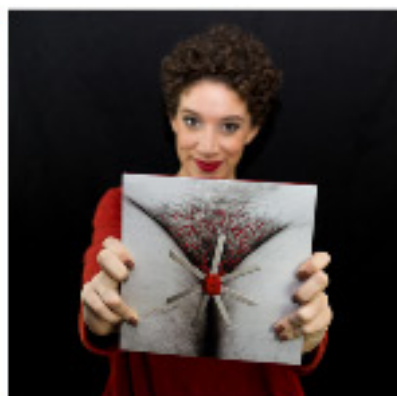
Curadoria: Gustavo Ramos e Márcia Leite

tópicos



Ana Miranda, a celebrada autora de “Boca do Inferno”, conta a sua trajetória e como desenvolveu a arte da escrita.

06



Luiza Romão, autora de “Coquetel Motolove” e “Sangria”, narra a história brasileira a partir da perspectiva feminina.

20



Conheça a poesia do Coletivo Xanas recitam Xanas no Caderno de Poesia.

32

acont ecências

Sesc-DF realiza prêmios culturais nas áreas de literatura

Estão abertas as inscrições para o Prêmio Sesc Carlos Drummond de Andrade, pela categoria poesia, que podem ser feitas pelo link: <https://goo.gl/PucmGo>. Já para o Prêmio Sesc Monteiro Lobato, categoria contos infantis, as inscrições podem ser feitas pelo seguinte link: <https://goo.gl/7hv8ra>. Os escritores e artistas podem enviar o material até 31 de julho. Cada participante pode inscrever até dois trabalhos, que precisam ser inéditos (não publicados). O tema é de livre escolha.

As Cidades e Os Desejos

Pensado e gestado pelo Selo Editorial Aliás, é um livro digital composto por 25 trabalhos produzidos por mulheres. A publicação busca novas interpretações sobre a cartografia das cidades e os olhares que a permeiam, a partir dos olhares de mulheres enquanto protagonistas de suas histórias. Para ler, acese o link: https://issuu.com/alias.seloeditorial/docs/as_cidades_e_os_desejos_e-book_23h_8081acc941f9e6

per fil



Foto: arquivo pessoal

ANA MIRANDA

Retrato de uma artista

Texto | Alexia Mesquita

A escritora cearense Ana Miranda deslumbrou o Brasil quando lançou “Boca do Inferno”, em 1989,

Malui Miranda, já exercia um olhar refinado pelas artes: poesia, música e desenhos. Exercício que continuou nos novos espaços em que morou – Brasília, Rio, São Paulo –, onde conviveu com importantes artistas brasileiros. Atualmente, a escritora mora em Fortaleza. “Toda a minha vivência nesses lugares me compõe, sou fruto dessas experiências, sou feita desse ares, dessas paisagens, desses sotaques, dessas histórias”, diz, neste perfil para a revista Pequiá, onde fala também da infância, do cinema, de amigos e, principalmente, de literatura. Depois do “Boca do Inferno”, ela escreveu vários romances, como “Dias e Dias”, “O Retrato do Rei”, “Desmundo”, “A última Quimera” e, mais recentemente, “Semíramis”, este último trazendo uma personagem singular para nós, cearenses: Bárbara de Alencar.

A arte vem...

Ah, sim, vem desde a infância, quando a minha irmã, Marlui Miranda, e eu, em nosso quarto mágico, passávamos o dia a fazer livrinhos, escrever poemas, desenhar, compor músicas, tocar instrumentos, tudo o que era das artes nos seduzia e apaixonava. Éramos duas pequenas artistas, desde sempre. Mas a minha irmã sempre foi

menina conheci artistas, como Oscar Niemeyer e Athos Bulcão, que eram vizinhos de nossa casa em Brasília, no tempo da construção da cidade. Eu tinha uns sete, oito anos. Isso parece quase um sonho, mas eles eram só os vizinhos, eu via o Athos Bulcão pintando, ou fazendo módulos que seriam depois seus azulejos maravilhosos. Vivia isso como uma criança, achava bonito, queria fazer igual, pintar, colorir, recortar, montar. Mocinha convivi com escritores, poetas, e assim tem sido pela vida toda, essas convivências devem ter me influenciado profundamente, são a minha formação, a minha escola verdadeira. Mas nem meus desenhos nem minha literatura se parecem com as obras desses artistas com quem convivi. Eles estão, acho, mais na minha maneira de pensar do que na maneira de realizar. Uma curiosidade: meus desenhos são totalmente impermeáveis a influências, mas minha literatura é absolutamente aberta. Meus diários eram quase ficcionais, ali eu descrevia e registrava um mundo corrigido, recriado por meus desejos que eu não conseguia realizar, por minhas tristezas e incapacidades, ali eu me reconstruía e retomava forças, viver nunca é fácil, ainda mais para uma menina sensível e sonhadora. Eu contava histórias que jamais tinham acontecido comigo, como se

lembrava muito dos meus sonhos, comecei um dia a anotá-los, tive alguns diários de sonhos, como se a minha realidade fosse o sonho, cheguei a publicar um “Caderno de Sonhos”, coisa mais aterradora. Eu era uma menina retraída, que vivia num mundo interior. Não escrevo mais diários, mas continuo a anotar meus sonhos, quando me recordo. Mas meus sonhos hoje são bem menos tempestuosos e se assemelham mais à realidade. Bem, eu saí de Fortaleza aos quatro anos de idade, ou cinco, e seria natural não ter muitas lembranças, mas tenho extraordinariamente muitas lembranças da nossa casa na avenida Aquidabã, da minha adorada babá, Odete, da vida feminina em nossa casa,





Foto: arquivo pessoal

Com a amiga Rachel de Queiroz, nos anos 90

das bordadeiras e rendeiras, de nossos vestidos de renda, do mar, do vento espetando areia como agulhas nas minhas pernas, dos coqueiros, das canções que ouvia, lembro das aulas de música, de minha irmã chorando ao ouvir “Clair de Lune”, de Debussy, mil lembranças. As recordações de Brasília também são marcantes, desde a minha chegada no “planeta das bruxas”, aos sete anos de idade; as árvores tortas, a vegetação de cerrado e as emas me encantando, a liberdade pelos terrenos empoeirados, a maravilha da minha educação na Escola

Fortaleza, Brasília, Rio e São Paulo

Formaram a minha geografia pessoal e me deram traços. O Ceará me deu a herança de Alencar e Rachel, uma ingenuidade e pureza de sertão e uma beleza absurda de praias. Brasília me deu um sentido de Brasil, por ser uma cidade central e formada de gente de todas as regiões brasileiras. O Rio me deu ginga, malícia, sensualidade, alegria, a exuberância das matas verdes. E São Paulo me deu uma profundidade maior nos sentimentos, uma maturidade nova. Toda a minha vivência nesses lugares me compõe, sou fruto dessas experiências, sou feita desses ares, dessas paisagens, desses sotaques, dessas histórias.

Semíramis

O que me inspirou a escrever “Semíramis” foi o amor que sinto pela obra de José de Alencar, aliado a um pedido feito pela Rachel de Queiroz para que eu escrevesse um livro sobre a avó do romancista, a dona Bárbara do Crato, a nossa heroína. Também fui levada pela minha vontade de escrever com os pés no Ceará, e “Semíramis” é meu primeiro livro cearense na plenitude, de corpo e alma, os outros são cearenses nas partes mais profundas da construção. A subjetividade do livro vem, decerto, de ele ser narrado no primeiro

que a Semíramis, personagem, é uma expressão da literatura do romantismo, uma personagem construída com as palavras de Alencar e inspirada nas personagens de Alencar, como Lucíola, Diva, Aurélia, as figuras femininas da parte urbana da literatura alencariana. Mas, para mim, ela é a mentira, a ilusão, a ficção, o sonho, as astúcias da arte, o encanto, o riso, a paixão. A escolha da Iriana como narradora, imagino que tenha sido por gostar de uma narradora mais racional, porque a narrativa precisava da racionalidade para observar, e para ambas, Iriana e Semíramis, compõem com seus lados opostos um elemento completo, ao mesmo tempo racional e intuitivo. Sei lá, os personagens vão surgindo na minha mente como um sonho, como raios de luz, como flores que se abrem, devem ser milhares os elementos que os compõem, quem saberia dizer? Sei que tudo tem a ver com as minhas origens. Os episódios históricos entram no romance “Semíramis” como se não fossem históricos, entram como cotidiano dos personagens. A Bárbara do Crato, heroína republicana, é apenas a dona Babu, a vizinha da Iriana, por quem o avô dela é apaixonado desde garoto, e essa paixão do avô de Iriana pela Bárbara é que vai desvendando os acontecimentos da Guerra dos Padres e da

colhendo gravetos e ouvindo passarinhos, sentindo os sabores, conhecendo melhor as lembranças de meus antepassados e a minha herança cultural.

Transformação da palavra

Ah, eu estou sempre “pulando a cerca”, mesmo sendo nitidamente uma romancista, estou sempre a escrever livros fora do caminho central, aqui um livro de poesias, ali um de crônicas, ou livrinhos para crianças, adolescentes, e agora escrevi duas alentadas biografias, vou como se estivesse bordando a vida pelo avesso, um dia acho que tudo fará sentido. Tento me restringir ao que mais aceitaram em mim, os romances com personagens da história literária, mas, quando vejo, estou mergulhando em um livro bem diferente,



Foto: arquivo pessoal



Foto: arquivo pessoal

Atriz Ana Miranda na peça Cristo versus Bomba

malbaratando tudo o que construí, como me disse um amigo. Mas sou assim, por que mudar? O que há em comum entre todos esses livros talvez seja a paixão pela palavra, pela transformação da palavra em arte, o que tento fazer sempre. Os traços meus que deixo em meus livros, penso como Guimarães Rosa, que dizia: “Eu não escrevo sobre mim mesmo”, mas quando vou ler algo meu algum

primeiro romance era também uma experiência de aprendizagem da estruturação e realização de um romance nos moldes clássicos, da modernidade, a mesma estrutura de “Dom Quixote”, desde então. Não cabia de jeito nenhum a narradora feminina na primeira pessoa, mas fui insistindo, e finalmente em “Desmundo” consegui. Desde “Desmundo”, todos os meus romances são narrados por uma personagem feminina, na primeira pessoa, e isso me deu mais segurança, e um sentimento de honra, por trabalhar na literatura a favor da voz feminina.

Elogio

Imagine, só, a Isak Dinesen! Ela é um dos meus escritores prediletos, e há realmente algo dela em meus livros, o encanto pela história contada, pelo passado, e algo de gótico ou barroco. A editora é um pouco sob suspeição, quando elogia um autor, mas de toda forma isso me orgulhou, me deu muito alento, forças para continuar, a profissão de escritor é dura, não temos escolas que nos ensinem a escrever, não temos apoio, não temos nada a não ser nossa vontade e força pessoal, nossa paixão diante de uma página em branco, algo capaz de aterrorizar qualquer coração de pedra. Recebi muito reconhecimento quando publiquei meu primeiro romance, mas acredito que foi proporcional ao

Cora Coralina, são muitas! E tenho feito algumas descobertas de escritoras jovens, as quais posso indicar aqui, como a Mariana Ianelli, a Adriana Lisboa, a Tércia Montenegro, a Paula Parisot, a Patrícia Melo, a Beatriz Bracher, Socorro Acioli, são tantas...

Cinema

O campeão de propostas para a adaptação cinematográfica, dentre meus livros, é o “Boca do Inferno”, acho que porque tem mais vibração cinematográfica, mais ação, mais apelo para os cineastas. O “Amrik” quase foi realizado já duas vezes. “O Retrato do Rei” já foi comprado, para adaptação, e não deu certo. O romance “A última Quimera” foi adaptado para teatro. Mas, até agora, só o “Desmundo” foi adaptado para cinema; e uma crônica que escrevi na revista Caros Amigos, “Parque de Diversões”, adaptada por um pessoal daqui do Ceará, que fez um curta-metragem lindíssimo. Escrevo literatura pura e livros de literatura. Achei um desafio imenso para o diretor de cinema Alain Fresnot adaptar o meu romance “Desmundo” para o cinema, o filme ficou lindo, mas é bem diferente do livro, perdeu-se a arte da palavra, evidentemente.

a reconstrução do passado, eu trabalho como os arqueólogos, tirando poeira das palavras, ou recriando a partir de um fragmento, como eles conseguem fazer ao reconstruir um dinossauro a partir de uma pegada, ou de um osso. A ideia é que a vivência no tempo escolhido seja real, e essa vivência pode se realizar na imaginação. Devo sempre escrever sobre o que conheço, com sentimento e sensibilidade.

Academia Brasileira de Letras

Não tenho nenhum sentimento em relação a isso, acho bonita a história da Rachel de Queiroz entrando como a primeira mulher, e depois outras, e cada vez mais mulheres, elas são muito bem-vindas ali, a Nélida e a Ana Maria Machado foram presidentes da Academia; o fato de serem minoria expressa uma realidade, a Academia expressa uma realidade muito antiga, as mulheres viveram muito tempo à sombra dos homens, poucas foram escritoras ou poetisas; como diz a Virginia Woolf, vivíamos ocupadas em gerar e educar a humanidade; agora temos nossos desejos, nossas ânsias, revelados, e estamos lutando por nossos sonhos.



Mulheres e leitoras

Parece que é estatístico, as mulheres leem muito mais ficção do que os homens, há mesmo certos trabalhos de estudiosos afirmando que as obras de Machado de Assis e José de Alencar eram escritas para as mulheres, nos folhetins de jornais, uma coisa muito graciosa, muito agradável, que nos dá orgulho. Meus livros me parecem às vezes direcionados, de forma natural, não planejada, o “Boca do Inferno” me parece um livro mais viril, muscular, e o “Amrik”, essencialmente feminino. Mas muitas vezes me surpreendo com leitoras apaixonadas pelo “Boca” e leitores pelo “Amrik”. Há muito de feminino na alma dos homens e vice-versa.

Arte e mercado

Acho que o momento é marcado pela ideia de inclusão da arte no mercado, e isso é bom, mas tem um perigo muito grande, pode oprimir as manifestações mais artísticas, e todo acervo cultural de todo país precisa da arte, da grande arte, e não apenas do mercado. Um pouco estamos tomando as medidas por baixo, e o nível precisa ser alto, vivemos num mundo onde os mais ricos e



“O passado sempre será ficção.



desenvolvidos protegem e amam muito mais a arte do que nós.

Novas e velhas leituras

Tudo o que leio me influencia fortemente, por esse motivo sou muito cuidadosa com as minhas leituras durante a escrita de um romance novo. Sinto que fui muito influenciada pela ideologia literária de Rubem Fonseca, e pelas obras de poetas como Gregório de Matos, Augusto dos Anjos, e Gonçalves Dias. Ao absorver suas dicções, recebo a maior de todas as influências, a da voz. Como tenho uma obra representativa da nossa literatura, muito conectada com a tradição, recebo sempre atenção e apoio da Academia Brasileira de Letras, que já me premiou duas vezes, e muitos dos acadêmicos já me manifestaram seu agrado em me terem como participante dessa honorável instituição literária, a mais importante de todas as instituições literárias no nosso país. Mas, por enquanto, fico no meu canto, de pés descalços, a andar na areia da praia, a sonhar e ouvir passarinhos. 🐦



Entre. vista



Foto: Divulgação

LUIZA ROMÃO

Para subverter a narrativa

Luiza Romão nasceu em 1992, em Ribeirão Preto, São Paulo. Logo cedo entrou em contato com as

Interessada pela escrita desde a infância, tornou-se autora independente em 2014 ao lançar seu primeiro livro de poesias, “Coquetel Motolove”, e, em 2017, “Sangria”, que conta a história brasileira a partir de uma perspectiva feminista, percorrendo os 28 dias do ciclo

menstrual. Com traços de oralidade e características fortes e revolucionárias, a poesia de Luiza se mostra como uma denúncia a todas as formas de opressão



É impossível desvencilhar minha poesia da oralidade

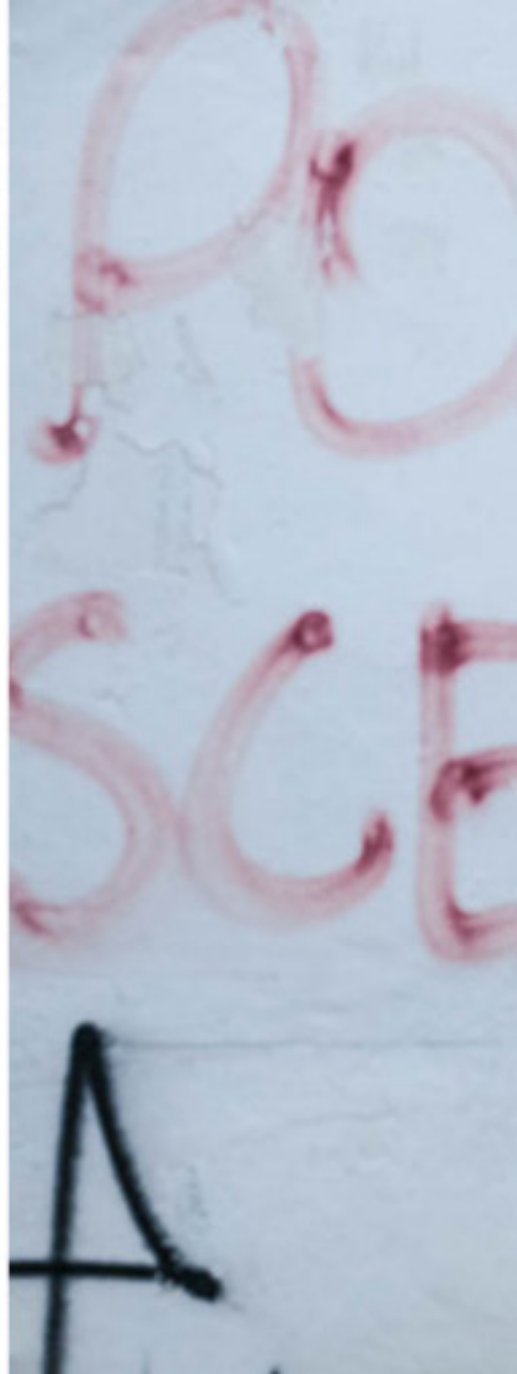
sofridas pela mulher brasileira. “Como artista, isso [o cenário político brasileiro] me indigna e me mobiliza. Não dá pra ficar apático ou paralisado. É tempo de radicalizar a estética, de criar estratégias, de confrontar narrativas”, acrescenta.

Nesta entrevista, o nome do “Brasil” é substituído por “br*+^%-” em respeito à problemática levantada em seu novo livro, no qual a autora em um de seus poemas diz que a caneta, em um ato de revolta por todos os anos de exploração da mulher, recusa-se a escrevê-lo.

no teatro, na cena; a poesia, o slam, os saraus me pegaram de surpresa. Foi uma celebração da palavra e da teatralidade. Numa chave de denúncia/contestação. Era isso que eu buscava como artista. E aconteceu! Quem sabe, algum dia, a prosa também me flerte. Por enquanto, estou bem acompanhada pelos versos.

PEQUIÁ | Quais são os escritores que te influenciam?

LUIZA ROMÃO | Eita. São muitos. Desde os mais canônicos: Homero, Ésquilo, Eurípedes. Salve, salve, bonde helênico! Até os e as contemporâneas: Alice Ruiz, Tatiana Nascimento, Daniel Minchoni. Sempre li muito os autores latino-americanos também: Galeano, García Márquez, Isabel Allende, Gioconda Belli. Acho que as referências se constroem no balanço da maré: o que te instiga naquele momento? Qual questão existencial não te deixa dormir? Pra onde apontam seus sonhos? Enfim, não se separa da vida.





Luiza Romão em performace: “Quem é slamer, é slamer. Quem é atriz, é atriz. Quem é pintora, é pintora. Eu sou artista”.

irmãos são o Chico, o Caetano e a Bethânia. Dá pra imaginar a efervescência criativa da nossa infância, né? Impossível sair indiferente disso.

PEQUIÁ | Heloísa Buarque de Hollanda, no prefácio do livro “Sangria”, diz que sua poesia dialoga com a *performance*. Assim, além de escritora, você também é poeta de *slam* e atriz. Como isso se concilia?

LUIZA ROMÃO | Na produção. Um dos males da contemporaneidade é essa especialização. Quem



está familiarizada com a literatura de cordel?

LUIZA ROMÃO | Olha, muito pouco. Infelizmente. Cheguei a ler algumas coisas na juventude e ouvir bastante cordel. Mas, de fato, não é algo que compõe meu repertório. Meu *spoken* foi mais influenciado pelo RAP mesmo.

PEQUIÁ | Falando em cordel, você veio ao Cariri em 2017 para a Mostra Sesc de Culturas. Como foi a experiência?

LUIZA ROMÃO | Foi maravilhoso. Uma dessas experiências que você carrega por muito tempo. Não só pela mesa que fiz com Anna K. (uma poeta incrível de Fortaleza, que está com um projeto editorial massa), mas pela Mostra como um todo. Conviver com artistas de diferentes linguagens e regiões do país. Trocar ideia com as manas e os movimentos culturais locais (fui numa edição do Xanas recitam Xanas, espetacular!). É combustível pra criação isso. Quero voltar de novo e logo!

PEQUIÁ | Seu novo livro, “Sangria”, não é só uma experiência individual, mas também toca o coletivo. O livro em si, com suas costuras e materiais feitos à mão pode ser considerado uma intervenção. Fale sobre o processo criativo e de escrita dele.

mão. Era algo sobre mulheres e sobre Brasil, sobre uma perspectiva histórico-materialista da violência de gênero. Descobri isso logo no início. O resto se revelou durante: primeiro, a estrutura de um ciclo menstrual (28 poemas, 28 dias), depois o formato do calendário (o livro quadrado que abre pra cima), que levou à ideia das fotos (cada poema é acompanhado por uma imagem performática) e também à série. Intuição, tentativa e estudo. Assim foi.

PEQUIÁ | Em uma narrativa você passeia por dois



campos, o br*+^% Colônia e os mitos gregos. Como você interliga esses dois espaços?

LUIZA ROMÃO | Isso é muito pela via do afeto. Sempre fui apaixonada pela mitologia grega, pelas tragédias e epopeias; deuses, heróis e enigmas. Compõe meu imaginário desde pequena. Na hora que escrevo, esse paralelismo vem. Talvez meu próximo trabalho aprofunde ainda mais nisso. Vamos ver.

PEQUIÁ | Além de livro, “Sangria” também é uma web série. Pra você, qual é a importância de conciliar o



Foto: Divulgação

som/vídeo, etc.

PEQUIÁ | Dentre as dificuldades de lutar pelos direitos das mulheres em um país ainda conservador, quais foram os maiores obstáculos na produção? Você foi muito criticada?


LUIZA ROMÃO | Ser uma produção de BO (baixo orçamento), já implica muita coisa. Tem que ter garra, convicção, desejo, pra não desistir no meio do caminho. As gavetas (inclusive as minhas) tão cheias de projetos geniais que não emplacaram por entraves de produção. A gente enfrentou de tudo. Desde enquadro policial até assédio verbal, hostilização, etc. Numa delas, deu aquele frio na espinha terrível. Mas, apesar disso, o saldo foi muito positivo. Conseguimos traçar uma rede afetiva através da cidade, mapear várias artistas, bolar parcerias, etc. Se fosse pra voltar atrás, faria tudo de novo!

PEQUIÁ | O seu livro é focado em temas feministas e fortes críticas ao sistema patriarcal, então por que a



escolha de Sérgio Silva, uma visão masculina, como direção de arte da web série?

LUIZA ROMÃO | Afetivamente? O Sérgio é meu companheiro de vida. Mais do que um diretor de arte, ele me viu sonhar esse projeto desde o começo e sempre ninou-o comigo. É meu parceiro de empreitada. Topa-tudo. Corre-junto. Vamo-aê. Precisa acordar 5h30 da manhã no feriado pra ir pra Jundiaí filmar o nascer do sol? Bora! Precisa madrugar finalizando as fotos? Tô aqui. E por aí vai. O “Sangria” é uma filha nossa. E o Sérgio foi parte fundamental da criação. Além disso, tem o lado prático da coisa! Definidor. O projeto da série foi feito sem nenhum tipo de incentivo, edital, financiamento. Levantamos com economias nossas. Eu não teria condições de pagar por um profissional em tempo quase integral. E ele não precisava disso, obviamente (risos). Ossos do ofício de namorar uma poeta! Mas apesar dele assumir a direção, é importante frisar que a equipe técnica (câmera, captação de áudio, figurino, edição,



“Sempre fui apaixonada pela mitologia grega, pelas tragédias e epopeias; deuses, heróis e enigmas.”

música) foi quase toda composta por mulheres. Foram inúmeras parcerias, desde produção local até finalização de imagem.

PEQUIÁ | Além de mulheres já engajadas na luta feminista, quem você esperava atingir como público-alvo? Você se surpreendeu com o *feedback* do livro?

LUIZA ROMÃO | Olha, está sendo incrível! Esse mês refiz os cálculos e já foram mais de mil livros por todo o Brasil (e Argentina, Uruguai e Espanha). Pruma publicação independente (o livro saiu pelo selo do burro), que não está em livrarias, que não teve matéria paga em grandes jornais e redes televisivas, isso é um marco. Sério. Me surpreende e energiza demais. É saber que o trabalho afeta, mobiliza e instiga. Num tempo de tanta apatia e truculência política, isso é uma trincheira. Meu público, como você perguntou, é majoritariamente feminino e feminista, de resistências bem diversas e contextos distintos.

PEQUIÁ | “Sangria” foi traduzido para o espanhol. Você pretende traduzi-lo para outras línguas e fazer com que o seu trabalho e o seu protesto alcance mais pessoas?

LUIZA ROMÃO | Com certeza. Ainda mais num momento histórico de tanta barbárie e conservadorismo, como esse que estamos passando. Tem que subverter a narrativa oficial pela lírica, pelo jeito de produzir, pela forma de circular. Não dá pra somar em rebanho, não.

PEQUIÁ | Seus livros publicados, “Coquetel Motolove” e “Sangria”, têm fortes críticas ao cenário político do país. Desde que os escreveu, ainda mais mudanças contrárias aos direitos do povo foram implantadas pelo governo. Como você analisa isso? A arte ainda resiste a esse panorama?

LUIZA ROMÃO | A história é cíclica, e esse momento de conservadorismo tá só no começo. Se olharmos pro contexto da América Latina, as democracias além de muito recentes são interrompidas por golpes de Estado. No Brasil, a gente teve 64, o suicídio do Getúlio (que evitou os ianques naquele momento), uma independência forjada (somos o único país que se tornou Império e não República pós-independência). Enfim, uma sucessão de golpes que compõe a nossa trajetória - como se qualquer possibilidade de país mais popular e igualitário tivesse que ser violentamente abortada (trabalho com essa metáfora no livro, inclusive).

caderno de poesia

Mulheres que se engajam na vida, que vivem a realidade dos dias com coragem, enfrentamento e poesia. As poetas que aqui chegam, como toda artista, experienciam a realidade e se alimentam desta para transformar o cotidiano em que vivem.

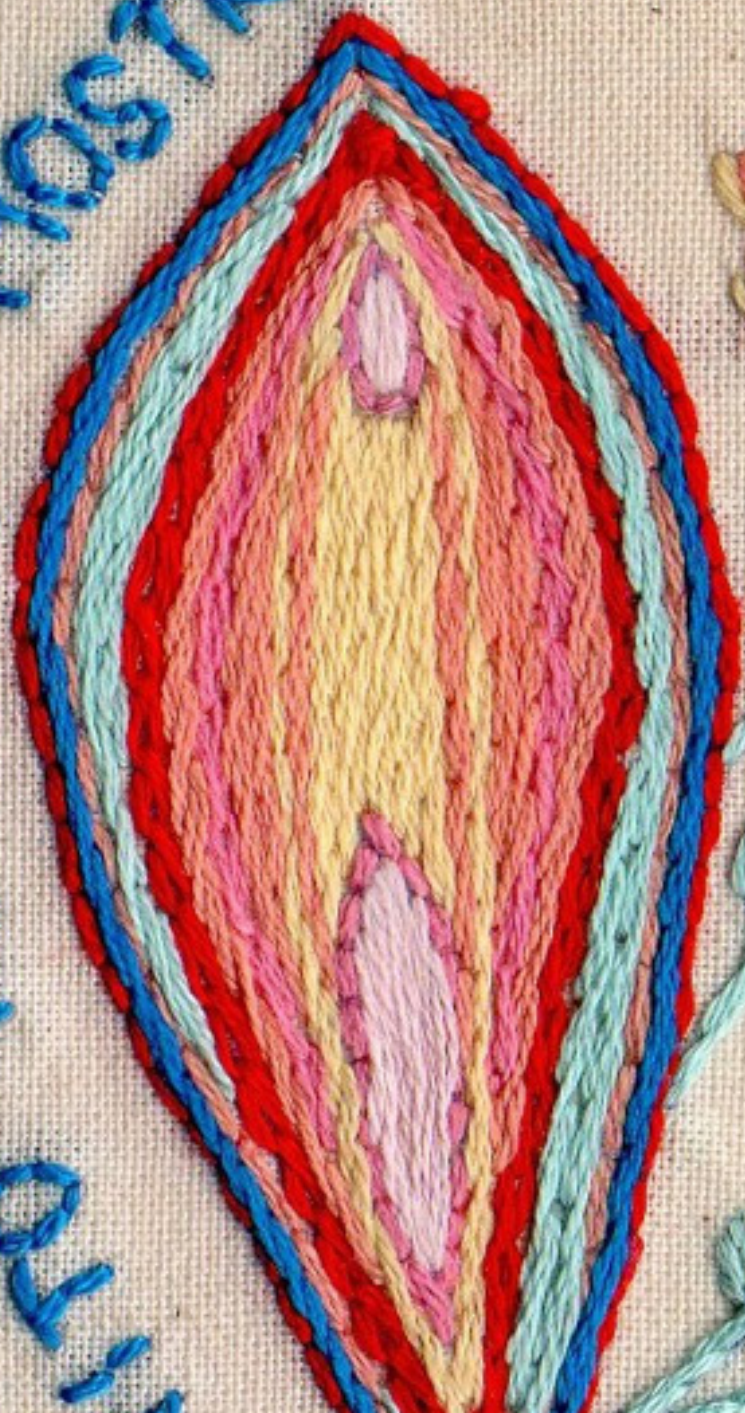
Partindo de suas experiências pessoais e sociais, elas desautomatizam a linguagem para recriar um cotidiano que transpire igualdade, respeito e diversidade. O que vemos então nos seus poemas é o retrato da realidade travestido em arte, quando elas traduzem os dias por meio de palavras, provocações e pequenas revoluções.

Vamos a elas?!

Abram as cancelas

Enfia a culpa no curral de quem a cria
Bode velho amarro pelo chifre

SENHIA O QUE O
DE PODE ME MOSTRAR





Poemas de cartas

Vou sair por aí
pegando o beco
correndo risco
e no meio do vento
um cisco
vou sair por aí
quase embora
quase não sinto
e no meio da estrada
eu multiplico
se for quente
a noite clama
quando frio
me ponho à cama
e no olhar da estrela
o céu me ama. *(Bartira Dias)*

Poema I

Clara demais pra ser Negra,
escura demais pra ser Branca
De acordo com essa sociedade
eu não tenho identidade.
Assim é mais fácil conter
acham que vão me convencer

Marias

Sou Maria das bonitas
Das pintosas, feiticeira
Das prendadas poderosas
Das gostosas e faceiras

Sou Maria como tantas
Como todas e demais
Meu barulho nunca cessa
Se eu quero, vou atrás

Ache ruim, ache bonito
Ache o que você quiser
Evoluir é pra poucos
Não dou trela a Zé Mané

Me respeite, sou Maria
De Madalena à mãe de Deus
Filha dela ou sendo ela
Não admite abusos seus

O meu corpo me pertence
Ou ao ser que eu quiser
Seja a um Deus ou a um ateu
Seja homem ou mulher

Venham todas as Marias
Nossas praças enfeitar
Debater, fazer barulho
E com charme protestar

Sou do grupo das Marias
Coletivas e de cor
Fortes belas e divinas
Donas de si meu amor! *(Sandra Alvino)*

Paixão nacional

É preta, pobre e fudida
em nome da lei, tomam casa de assalto
leva chute na barriga
(único abrigo do que ainda está por vir)
mas, se não morre, não dá pra ver a marca do coturno
Afinal, racismo é só se amarrar no poste:
pelourinho legítimo do tribunal de rua.
O verbo se conjuga perante os olhos
No chão: barraco, família, dignidade e sonhos...
nas tetas:
sangue e lágrimas pra alimentar o choro do guri
enquanto assiste na copa da casa grande
o futebol que destrói dos trilhos à paz.
(Karlinha Sutil Alves)





Poema II

Vamos nos conectar
desatar os nós
ultrapassar a tecnologia
e confiar em nós

Vamos progredir essa fase
ultrapassar as telas
olhar pelas janelas
abrir abas de possibilidades
e cravar no peito: eu posso!

Vamos armazenar histórias
respeitar as memórias
visualizar esperança
no feed de notícias da vida real
vamos compartilhar nossos sonhos
curtir o formato do nosso corpo
e comentar linda no final

vamos dar play na diversão
selecionar impressões
registrar sem pressão
e baixar a bola

vamos assistir sorrisos
sentir cheiro e gosto
de gente sem filtro

vamos deslizar os dedos
em anseios e desejos
anexar coragem
clicar em atitude
e deletar nossos medos

Poema III

Para vocês que leem meus poemas de amor e de mulher-
zinha me chama

Gostaria de dizer que não escrevo com os pentelhos da
minha xana

Por que então enxerga sempre a mulher antes da palavra,
vá me diga?

Terei eu que fazer como as antigas, assinar nome de
homem?

Para que assim possa ler letra por letra

Sem pensar na minha buceta

Vocês me dizem que não posso escrever sobre açude,
amores e beijos sabor jerimum

“Não é que não pode, é que não combina com você”

“Não combina com o tipo de mulher que você é.”

E que tipo de mulher eu sou?

O que vocês não ousam dizer, pois têm sempre a boca
lotada,

Entupida de meias palavras

É que mulheres como eu não podem ser amadas

Que mulheres como eu devem passar a vida de mãos
dadas com a solidão

Sem o direito de escrever ou viver a palavra paixão

Mas eu vos digo outra coisa

Nem sempre tenho facão em punho

Na rede descanso, recebo e mereço e amores

Mas sem nunca da luta fugir

Pois quando escrevo vislumbro vários mundos

Em nenhum deles a minha escrita é restrita, marcada ou
carimba

Pelo desde nascença carrego entre as pernas

Eu

Não gosto de gato e rato.
Gosto de gato e gata.
Gosto de sentir o que o infinito
Pode me mostrar!
Não quero ser um gole!
Quero ser o ardor da cachaça...!
Que lhe inebria...
Que lhe confunde...
Que lhe alucina!
Gosto da coisa bem feita.
Da coisa mal-dita!
Dos cheiros, gostos e gestos.
Gosto “daquilo”...!!!
Que você, talvez,
Nunca me proporá.
(Sandra Alvino)



Ave Mar

Mãe da escuridão do Céu
Que estais entre nós na Terra
Como divindade sejas reconhecida
Seja Eu o Vosso reino
Ensina-me a reconhecer minhas virtudes
Que Eu aprenda com o Céu
Que Eu me transforme no Mar
Que Eu ensine Amor na Terra
A água sábia e benta de vaginas e tetas nos dai hoje
Me ajude a aprender com os meus próprios erros,
E a não pagar pelos de mais ninguém
Não me deixei cair em fálicas mãos de P* duro
Mas renovai meu brilho agora e depois do Além...

Ave Mar ia
Cheia de graça pela praça
Maria santíssima
Como puta sempre apontada
Enquanto passava
Sobrevoando como quem nada
Nadando no vento como quem voava
Calçada de Lua
Vestida de Sol

Subiu aos céus
Depois de apedrejada...
Morte e vida feminina
Para sempre repetida
Para sempre lembrada...
Amemos nos. *(Karinha Sutil Alves)*

Quando o corpo excede à cabeça

ela é uma falta de interpretação
de quem pensa estar preocupada
e se arde à procura de atenção
para preencher o vazio
de um ciúme oco
enquanto a outra
é um mergulho de afirmação em tão pouco
para preencher o que não quer ouvir...
é um balbucio em um cilindro
é um espelho
em tempo fatídico
é um mergulho de um pequeno animal em cio
e choque
em copo vazio. *(Bartira Dias)*



Curta o Conto

Ligue os pontos

Por *Anna K. Lima*

A folha de papel em branco nunca me assustou, pelo contrário: me desafiava! E poucas coisas me estimulavam quando pequena, medrosa que eu era. Mamãe contava – de forma tão bonita, tão doce!

– o quanto eu passava horas brincando sozinha

no quintal, eu e as folhas, eu e os cacos das telhas quebradas, eu e as pedras, eu e Clarinha, a cachorra de 3 patas.

Aquele era o meu mundo: falar, ouvir

vozes que eram minhas mesmas, eu conversava com o universo!

Nunca sei me comportar em livraria, biblioteca, sebo, defronte às estantes de livros, quase que paraliso. Eu não sei o que fazer, fico perplexa diante de tantas palavras e possibilidades. Quando tomo



Foi aí que parei estatelada, diante da prateleira infantil: ligue os pontos e venha colorir

de milhares de oportunidades. Eu fingindo costume, amigas me pedindo dicas de leitura e eu com as mãos nos bolsos pensando nas minhas pedras, em meu quintal e em como ultrapassar todo aquele frio na barriga. Foi aí que parei estatelada, diante da prateleira infantil: ligue os pontos e venha colorir. Outra vez, tenho sete anos e espero papai chegar no melhor dia do mês, quando se recebem os salários. Ele traz revistas e algumas contas pagas. Para os filhos, duas revistas, iguaizinhas, para não haver disputa, e entrega a cada um aquele pedaço de paraíso. Aí vocês já sabem o processo: fecho os olhos, faço carinho no papel, cheiro as páginas... O que vocês não sabem é como aquela sensação de ligar os pontos e ver se formando uma forma absurdamente nova de qualquer coisa me deixava apaixonada! Um elefante! Uma girafa! A Mônica! Um catavento! Estou aqui, diante da estante com o livro “ligue os pontos”, emocionada, chorosa, saudosa e radiante: se eu buscava alguma resposta, algum porquê, alguma justificativa para seguir nesse caminho de aprender a me sustentar com minhas próprias pernas, dançar enquanto dói tudo aqui dentro e, ainda assim, segurar as mãos de mais e mais mulheres que – como eu, sangram e se doem, tal qual águas-vivas – e nos lançarmos ao mundo, da

Rese nha



Foto: Divulgação

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie

Amor e raça no século XXI

intrigante o suficiente para imergir o leitor do início ao fim.

Em 516 páginas, a autora nos apresenta Ifemelu e Obinze, dois apaixonados de primeira viagem que embarcam em um romance jovial na capital nigeriana, Lagos, em 1990, momentos antes do golpe militar. Diferente do que se poderia esperar, os protagonistas são movidos por interesses próprios e não exclusivamente pelas condições externas descritas, a exemplo de Ifemelu, que deixa a Nigéria – e o amor de Obinze – em busca de novas oportunidades e se vê na América como uma imigrante, pobre e, pela primeira vez, negra.

O livro, no entanto, dividido em partes, se inicia com uma Ifemelu já adulta, formada, segura da contraditória América em que vive e figurando como uma famosa autora de um blog sobre comportamento e raça. Blog este que nos apresenta à sarcástica inteligência de Ifemelu e suas reflexões sobre ser uma negra não americana na América.

São as digressões de Ifemelu que nos levam a entender o contexto em que ela se localiza e por que a personagem resolve voltar à Nigéria e ao encontro de Obinze que, por sua vez, não fica para trás na narrativa. Partes inteiras do livro



Chimamanda Ngozi Adichie.
Americanah.

Tradução de Julia Romeu.
Companhia das Letras. 516 p.
R\$ 62,90

na mesma linha de seus romances, *Hibisco Roxo* (2003) e *Meio Sol Amarelo* (2006), sendo que estes possuem características próprias na maneira de narrar, que colabora para a atmosfera da trama. No geral, Adichie põe seus personagens em contato com questões sociais, trabalhando estas questões como contexto conjuntural ou reflexos e reações deles próprios diante da imposição dos tempos. É com invejável maestria que Adichie consegue traçar uma história que contempla o amor intercultural, as históricas questões étnicas e a problemática da imigração em uma narrativa arrebatadora, não apenas por sua trama, mas também por habilidade na escrita. Ela mesma revelou em entrevistas que seu processo de escrita é lento, pois revisa inúmeras vezes o texto. Sua preocupação com as frases é visível pela qualidade do produto entregue.

Trecho de Americanah

“(…) Houve também a vez com o homem de Ohio, espremido ao lado dela num voo. Uma espécie de gerente administrativo, Ifemelu teve certeza ao ver seu terno largo demais e sua camisa colorida de colarinho branco. Ele perguntou o que Ifemelu queria dizer com ‘blog sobre comportamento’ e ela explicou, esperando que ele se retraísse ou pusesse um ponto final na conversa dizendo algo defensivo e inócuo como ‘A única raça que importa é a raça humana’. Mas ele disse: ‘Já escreveu sobre adoção? Ninguém quer saber de bebês negros neste país, e eu não estou falando dos mulatos, mas dos bebês negros. Nem as famílias negras querem adotar’. O homem contara a Ifemelu que ele e a esposa haviam adotado uma criança negra, e que seus vizinhos os olhavam como se tivessem decidido se tornar mártires de uma causa duvidosa. O post que ela escreveu em seu blog sobre ele, ‘Um gerente administrativo branco e malvestido de Ohio nem sempre é o que você pensa’, recebera o maior número de comentários daquele mês. Ifemelu ainda se perguntava se ele tinha lido. Ela esperava que sim”.

bibliocanto



Livro: **Orgulho e Preconceito**

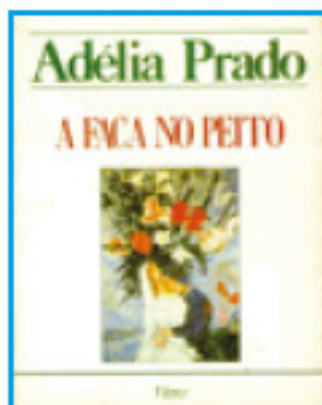
Autor: **Jane Austen**

Editora: **L&PM (2010)**

Considerada a primeira romancista moderna da literatura inglesa,

Jane Austen começou seu segundo romance, “Orgulho e Preconceito”,

antes dos 21 anos de idade. Assim como em outras obras de Austen, o livro é escrito de forma satírica e pode ser considerado como especial porque transcende o preconceito causado pelas falsas primeiras impressões e adentra no psicológico, mostrando como o autoconhecimento pode interferir nos julgamentos errôneos feitos a outras pessoas.



Livro: **A Faca no Peito**

Autor: **Adélia Prado**

Editora: **Rocco (1988)**

Publicado em 1988, o livro é

centrado em Jonathan, personagem que se refere tanto a Deus quanto ao

sexo masculino ou à crença religiosa. Ela congrega a promessa e a fuga, a realização e o desejo, a eterna busca.



PROCULT

Pró-Reitoria de Cultura

A Procult, ao longo de seus 5 anos de existência, vem apoiando diversas ações de cultura propostas pela comunidade acadêmica nas mais diversas áreas, como cinema, desenho, fotografia, literatura, música e teatro. Nesse sentido, apresentamos algumas das ações desenvolvidas em 2018.

Armada Literária

O projeto visa fomentar a leitura de escritos não acadêmicos dentro do curso de Medicina, buscando a formação de competências de compreensão leitora, de habilidades de comunicação e da empatia. Contato: <https://www.facebook.com/armada.literaria.75>

Revista Bárbaras

A revista busca desvendar de forma crítica o machismo na região do Cariri, por meio de pautas que promovam a igualdade entre os gêneros. Visa ainda tratar assuntos considerados tabus com relação ao corpo feminino, como liberdade sexual, descrimina-



Fecomércio CE

Associação das Federações de Comércio do Ceará



Sesc

Sistema S de Educação e Cultura

